

Olinda-postal em exercícios de paisagem para a conservação do patrimônio

SESSÃO TEMÁTICA: DIMENSÃO HISTÓRICA E PATRIMONIAL DO PROJETO,
DO PLANEJAMENTO E DA GESTÃO DA PAISAGEM
CATEGORIA: ARTIGO ACADÊMICO CIENTÍFICO

Daniela Vieira Francelino/Universidade Federal de Pernambuco. Departamento de Arquitetura e Urbanismo.
Laboratório da Paisagem. Pesquisadora Pibic/daniela.vieiraf@ufpe.br
João Gabriel Evaristo Rios/Universidade Federal de Pernambuco. Departamento de Arquitetura e Urbanismo.
Laboratório da Paisagem. Pesquisador Pibic/joao.grios@ufpe.br
Lúcia Veras/Universidade Federal de Pernambuco. Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Laboratório da
Paisagem/lucia.veras@ufpe.br

RESUMO

Este artigo deriva de uma pesquisa “guarda-chuva” que objetiva identificar Paisagens-postais da América Latina visando a sua conservação. Assim, de modo particular, o presente artigo se propõe a detectar se há ameaças à manutenção da visibilidade do Centro Histórico de Olinda, Patrimônio Mundial, seja pela especulação imobiliária, verticalização e interesses privados, seja pela inserção de objetos de captura de energia solar, alheios ao Sítio Histórico ou pela supressão da vegetação que caracteriza esta paisagem. Apoiados em teóricos como Augustin Berque, Jean-Marc Besse e Michel Collot, estes problemas foram trabalhados e os dois últimos inseridos nos Exercícios de Paisagem, tendo a resposta de 96 interlocutores, provocados por estudos de fotomontagem. De uma maneira geral, há a consciência de que a não conservação dos atributos de Olinda poderá levá-la à perda do título da Unesco. Dessa forma, espera-se consolidar um método de avaliação de intervenções futuras em paisagens protegidas, com a inclusão da população, auxiliando no monitoramento de Olinda Patrimônio Mundial.

PALAVRAS-CHAVES: Paisagem, exercícios de paisagem, patrimônio, imagem, conservação.

ABSTRACT

This article derives from an “umbrella” research that aims to identify postcard landscapes of Latin America with a view to their conservation. Thus, in particular, this article seeks to detect whether there are threats to the maintenance of the visibility of the Historic Center of Olinda, a World Heritage Site, whether through real estate speculation, verticalization and private interests, or through the insertion of solar panels, foreigners to the Historic Site or by the suppression of the vegetation that characterizes this landscape. Supported by theorists such as Augustin Berque, Jean-Marc Besse and Michel Collot, these problems were worked on and the last two were included in the Landscape Exercises, with responses from 96 interlocutors, provoked by photomontage studies. In general, there is awareness that failure to conserve Olinda's attributes could lead to it losing its Unesco title. In this way, it is expected to consolidate a method for evaluating future interventions in protected landscapes, with the inclusion of the population, helping to monitor Olinda World Heritage Sites.

KEYWORDS: Landscape, landscape exercises, image, heritage, conservation

1 INTRODUÇÃO

Reconhecido como Patrimônio Mundial da Unesco em 1982, pelo valor universal excepcional do conjunto paisagístico, urbanístico e arquitetônico (Nascimento, 2009), o Centro Histórico da Cidade de Olinda representa um legado vivo da identidade cultural brasileira. Sendo a terceira cidade mais antiga do Brasil, datada de 1535 e o segundo sítio no Brasil a ser declarado patrimônio, este reconhecimento foi precedido pelo tombamento do conjunto arquitetônico




decretado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, inserindo o Centro Histórico em três de seus quatro Livros de Tombo, o Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, o Histórico e o de Belas Artes, todos em 1968. Mantendo as características da cidade colonial, a proteção se refere à volumetria e características estéticas das edificações, como gabarito, frontispícios e telhados, inserindo as igrejas e o arruamento da topografia que favorece o olhar para a paisagem. Para além da arquitetura, o instrumento também se referia à preservação da vegetação (Lopes Filho, 2021), dando subsídios ao que, catorze anos depois, seria incorporado pela Unesco na declaratória de Olinda como Patrimônio Mundial.

No entanto, a Declaratória da Unesco, datada de 1982, põe em evidência a dificuldade que anunciava essa proteção, quando para a cidade de Olinda, o patrimônio a ser protegido se revelava no entendimento transversal da paisagem que reúne aspectos da natureza e da cultura. Se para a cultura a legislação se apoiava nos instrumentos existentes de proteção de um bem, para a natureza, a proteção estava atrelada aos instrumentos regidos pela legislação ambiental. Só em 1995, e, portanto, após essa Declaratória, passa-se a adotar a Recomendação R (95) 9 (Iphan, 2004), que amplia o entendimento da proteção como ação de conservação integrada, de natureza e de cultura, fazendo distinção conceitual entre *paisagem* e *paisagem cultural*. Se *paisagem* incorpora a relação entre território percebido, testemunho do passado e culturas locais, a *paisagem cultural* é um recorte especial da paisagem, por agregar ao que se define por paisagem, especificidades que lhe atribuem um caráter excepcional (Ribeiro, 2007). É, portanto, uma compreensão que se diferencia daquela adotada pela geografia tradicional, que compreende que toda paisagem é fruto da cultura, adotando agora para a Paisagem Cultural o “qualificativo [...] mais atrelado à noção de bem cultural” (Ribeiro, 2007, p. 52), numa clara preocupação com a gestão do que se quer proteger. O problema da gestão é, portanto, o grande desafio que, inclusive, antecede e leva a preocupação para os novos instrumentos dirigidos à paisagem, como expressam as análises sobre Olinda Patrimônio.

Gerir e preservar uma cidade patrimônio, é, assim, um desafio complexo e exige constante revisão de estratégias e investimento das instituições responsáveis pela conservação, porque a concessão do título de Patrimônio Mundial, para além de um reconhecimento honroso, é tarefa difícil e de grande envergadura. Assim, a manutenção deste *status* exige esforços contínuos para a conservação daquilo que foi identificado como de valor patrimonial excepcional, estando incluídas as vistas únicas que permitem apreciar aquilo que guarda a essência histórica da cidade colonial, respeitando, simultaneamente, o desenvolvimento e a sustentabilidade que garantem a manutenção destes benefícios para as gerações futuras. Considerando-se a importância destas visadas, discute-se neste artigo possíveis impactos que ameaçam a conservação dessas visadas, pouco inseridas nas preocupações dos gestores públicos, responsáveis pelo patrimônio.

Inspirados em Jean-Marc Besse (2014), foram propostos *exercícios de paisagem* para avaliar, pela percepção, os impactos que podem ameaçar a conservação dessa paisagem. Apoiados nos conceitos trazidos por teóricos como Augustin Berque (1994, 2010), Jean-Marc Besse (2005) e Michel Collot (2012), explora-se a compreensão de que a percepção não é apenas aquela do mundo construído, mas se revela também no entendimento metafísico da paisagem, aqui percebido pela população por seus olhares e valores que trazem, também, a memória e a afetividade (Berque, 2010) necessárias à conservação efetiva do bem. Inserir a população é, também, o que sugere a Convenção Europeia da Paisagem (2000) e a Carta da Paisagem das Américas (2018), quando é considerada parte do planejamento e da gestão de um patrimônio.

Assim, analisamos alguns impactos que ameaçam a integridade do Centro Histórico de Olinda, desde o estudo da legislação municipal, avaliando-se o que permite em relação à verticalização de borda e proteção da vegetação, seja pública ou privada, definindo-se manchas de sua, supressão ou substituição inadequada, até a introdução de intervenções modernas na área,



como a aplicação de painéis solares de energia fotovoltaica em casarios históricos e introdução de antenas de telefonia celular, que impactam na paisagem. Portanto, questionamos se tais ações estarão, de fato, conservando o patrimônio em relação ao que expressa a paisagem, incluindo a população no debate institucional.

2 O OLHAR PARA OLINDA COMO PONTO DE PARTIDA

A cidade de Olinda, em Pernambuco, é única e especial. Foi construída em uma série de colinas que se erguem acima do mar, proporcionando vistas deslumbrantes do litoral e das planícies em sua volta. Por ter sido construída em área de declive, apresenta ruas estreitas e sinuosas, com ladeiras que sobem e descem muitas vezes de forma bastante acentuada com edifícios coloridos e característicos alinhados, envoltos por uma vegetação exuberante, principalmente de seus quintais (Loureiro, 2007; Santana e Silva, 2014). A cidade histórica também abriga um dos carnavais mais populares do Brasil, numa efervescência cultural que mistura o frevo, o maracatu, os blocos de rua e orquestras, atraindo o turismo e movimento para a área.


No entanto, o próprio interesse que desperta o olhar do turista no carnaval, tem provocado a descaracterização de algumas de suas edificações históricas, quando o desejo pela apreciação do carnaval do alto – e não mais na linha de chão –, têm desencadeado a descaracterização de alguns de seus telhados, na criação de terraços, principalmente de edificações situadas nos locais de maior efervescência da festa (Barreto e Milet, 2021). É o mercado sazonal impondo transformações e impactos que precisam ser controlados pelo poder público.

Por estar sob proteção e gestão de diferentes instâncias legislativas, este centro histórico recebe inúmeras intervenções todos os anos, muitas devidamente controladas e regularizadas, como as obras de requalificação e restauro do Programa de Aceleração do Crescimento – PAC Cidades Históricas que, na verdade, ainda não conseguem vencer o desafio da compreensão mais larga dessa proteção, que mescla natureza e cultura. Além desse descompasso, o sítio, ainda sofre com inúmeras outras intervenções que alteram as características locais, colocando em risco sua própria preservação. A descaracterização dos telhados para adaptação de terraços, por exemplo, e muitas outras intervenções ocorrem de forma clandestina e informal, além daquelas que, contraditoriamente, são aprovadas pelos gestores públicos, especialmente em se tratando da conservação da vegetação e introdução de objetos modernos estranhos ao sítio.

Como trata Berque (2010), a humanidade evolui com os lugares e nas cidades históricas, essa evolução expressa acúmulos de tempo revelando aspectos singulares que as individualizam como paisagens. Seriam essas transformações consideradas parte dessa evolução? Ou estaria a população percebendo que estas intervenções, longe de evoluir com o lugar, podem ser consideradas impactos na paisagem de “cartão-postal” de Olinda? Estaria a população associando os impactos à perda do título de Olinda como Patrimônio Mundial da Unesco?

Ao se analisar os atributos da *Olinda-postal*¹, percebe-se a força da contemplação que, por sua vez, não se limita ao que é visto, mas estende a apreensão à totalidade dos sentidos, sendo uma experiência sinestésica, apesar do privilégio dado à visão, que demonstra a importância das visadas para a paisagem. Como ressalta Besse, reportando-se à Bender, “[...] as paisagens não

¹ O entendimento de *Olinda-postal* está atrelado ao conceito de *Paisagem-postal* trabalhado por Veras (2014), quando para além de um entendimento de “cartão-postal” em duas dimensões, compreende-se determinadas paisagens como aquelas que identificam cidades, como assinaturas urbanas, que revelam a relação que o sujeito estabelece com a paisagem ao construí-la ao longo do tempo.



são apenas ‘vistas’, mas sim encontros pessoais. Não são apenas enxergadas, mas sim experimentadas com todos os sentidos” (Bender, 2002, p. 136 *apud* Besse, 2014, p. 46).

Motivados por estas questões e pelos estudos de autores que sugerem um apuro do olhar sobre a percepção de paisagem, os exercícios de paisagem propostos buscam referências em Jean-Marc Besse (2014) para a partir do olhar, extrapolar a própria visão provocando reflexões sobre a apropriação que Olinda despertada em seus moradores. Dessa maneira, apoiados nos estudos de Michel Collot (2012), que compreende como inseparável a relação sujeito-objeto, trabalha-se a paisagem a partir do *ponto de vista* do sujeito. Nesses exercícios, diferentes pontos de vista constroem o entendimento da Olinda-postal, desencadeado a partir das provocações mostradas pelas imagens que revelam, em projeções de visibilidade futura, a ameaça às visadas pela verticalização, pela supressão da vegetação, ou interferências visuais pela inserção dos artefatos modernos no Sítio Histórico. Esses três ameaças são, portanto, trabalhadas neste artigo.

3 CONDUZINDO A ENTREVISTA PELO ENTENDIMENTO DO PATRIMÔNIO

Buscando explorar o valor excepcional a ser preservado em Olinda, entendemos que não existem características isoladas, mas o conjunto indissociável de um todo integrado, que inclui os elementos naturais e culturais interconectados. Dessa forma, compreende-se que a paisagem de Olinda, é composta por elementos históricos, arquitetônicos e naturais que se complementam, revelando uma paisagem única, como foi caracterizada por Amadou Mahtar M’Bow em 1982, na cerimônia de inclusão na lista da Unesco:

Olinda foi sempre, como para responder a uma misteriosa vocação, uma cidade de poetas, pintores, escultores, ceramistas, uma cidade de música e dança, em um **cenário natural tão suntuoso que não sabemos se é preciso descrevê-la como um conjunto arquitetônico ornamentado de jardins ou como um parque tropical decorado de monumentos** (M’Bow, 1983 *apud* Nascimento, 2009, grifos nossos).

A preservação de Olinda não está assim limitada à proteção de monumentos, mas também à manutenção do ambiente natural que lhe dá suporte, das tradições culturais e da vida cotidiana da comunidade local. Esse entendimento se expande à necessidade da participação da população no reconhecimento dos atributos da paisagem para sua conservação. Assim, através de um Formulário *Online*, foi realizada uma pesquisa de opinião pública a respeito das paisagens da cidade, apresentando-se 8 cartões-postais olindenses para 96 pessoas (Figura 01).

Figura 01: Recortes dos cartões-postais de Olinda apresentados aos entrevistados: 1. Vista topo da Ladeira da Misericórdia, 2. Largo do Amparo, 3. Vista em frente ao colégio Santa Gertrudes, 4. Horto Del’Rey, 5. Ladeira da Misericórdia, 6. Mercado da Ribeira, 7. Carnaval, 8. Orla de Casa Caiada.



Fonte: Daniela Vieira, 2021.

Tomando Veras (2014) como referência, a análise parte de dois questionamentos: “01. Se você quisesse mostrar a alguém a paisagem que mais identifica a cidade de Olinda-PE, qual dentre essas 8 imagens mostraria?” e “02. Entre as 8 imagens, qual a paisagem que mais lhe emociona?”. Dessa forma, foi possível identificar quais as características físicas mais associadas à Olinda, com o protagonismo das igrejas e casarios (imagem 2), em contraste com as menos associadas, como a orla moderna e seus prédios verticalizados (imagem 8).

Figura 02: Respostas à Pergunta 01: “Se você quisesse mostrar a alguém a paisagem que mais identifica a cidade de Olinda-PE, qual dentre essas 8 imagens mostraria?”.



Fonte: Daniela Vieira, 2021.

Com a Pergunta 02, desbloqueamos a memória afetiva das pessoas, associada também à importância da paisagem entendida como patrimônio. As imagens mais votadas (Figura 03), unem o lugar como suporte às coisas do lugar como acontecimento, na relação intrínseca entre sujeito-objeto (imagens 7 e 1), fruto da inseparabilidade apontada por Collot, Besse e Berque. O *ponto de vista* que expande o olhar, também busca um horizonte invertido trazido pelas memórias atreladas à paisagem, como os “carnavais das ladeiras de Olinda” (imagem 7). Já na imagem menos votada, é mais uma vez a da cidade moderna homogênea (imagem 8 da Figura 02), que não identifica a Olinda-postal associada às memórias e sentimento de pertencimento.



Figura 03: Respostas à Pergunta 02: “Entre as 8 imagens, qual a paisagem que mais lhe emociona?”.



Fonte: Daniela Vieira, 2021.

A provocação de abertura teve o propósito de sensibilizar o sujeito entrevistado sobre a percepção do que compreende como Olinda-postal. Apontar as paisagens que mais *identificam* e as que mais *emocionam*, excluindo-se no contrapondo as que menos identificam e menos emocionam, desencadeou uma reflexão inicial, preparando o sujeito para os próximos exercícios que focam nos impactos de determinadas intervenções na paisagem.

4 EXERCÍCIOS DE PAISAGEM

Os exercícios de Paisagem discutem três ameaças ao Centro Histórico de Olinda: (1) aprovação de projetos na zona de entorno próxima, (2) implementação de novas tecnologias e (3) supressão da vegetação. Utilizando fotomontagens na prospecção de futuro, esses problemas são simulados para provocar a reflexão.

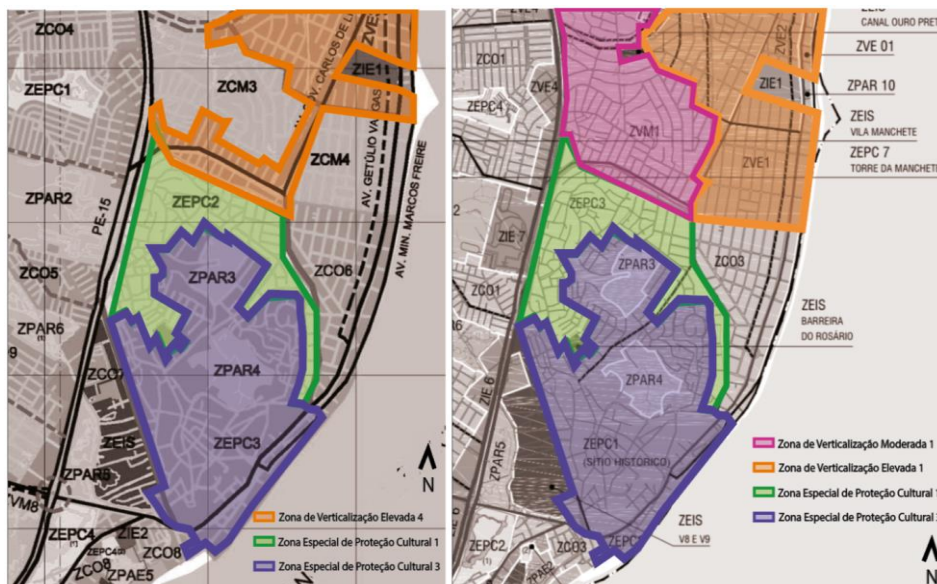
4.1 O olhar das instituições: a desproteção e a proteção do SHO

O primeiro exercício centra-se nos instrumentos legislativos municipais que atuam sobre a área. Tomando como referência o documento “Conservar: Olinda boas práticas no casario”, publicado em 2010 pelo Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada - CECI, constata-se que toda a área do Sítio Histórico se encontra na Zona Especial de Proteção Cultural 01 (ZEPC 01), da legislação municipal. Por definição de Lei, a ZEPC 01, retém legislação própria, e determina que o Sítio Histórico, ainda que mantenha a vida e costumes locais, aqui não são admitidas modificações nas edificações, desde que sigam as normas estabelecidas nas Leis. Estas, tentam assegurar a permanência dos valores patrimoniais utilizando critérios urbanísticos tais como zoneamento, setorização, índices e padrões de ocupação (taxa de ocupação, coeficiente de utilização, gabaritos, etc.), além da definição de usos e atividades permitidos (CECI, 2010).

Percebe-se que para a área do perímetro do patrimônio – Sítio Histórico de Olinda, há clara proteção. A preocupação, no entanto, dirige-se para a zona de entorno do Sítio Histórico, quando se questiona se a aprovação de novos projetos está considerando a proteção das visadas, vistas do SHO. Para isso, o estudo dos parâmetros por zoneamento determinados pelo Plano Diretor de Olinda, foi superposto ao levantamento dos projetos aprovados, mapeando-se as informações. Nesse exercício, foram considerados o Plano Diretor de 2016 e de 2020, analisando-se inclusive se houve mudanças nesse intervalo de quatro anos, como mostra a Figura 04 e Tabela 01 a seguir.

Figura 04: Plano Diretor de Olinda em 2016 e 2020. Em laranja, zonas de verticalização elevada. Em 2016, na borda do Sítio Histórico (adjacente a ZEPC2) permite-se a verticalização de até 20 pavimentos.

Em 2020, distancia-se do Sítio Histórico (surge uma ZVM1 entre as zonas) e diminui-se o parâmetro para 15 pavimentos.



Fonte: Autores do artigo, 2022.

Tabela 01: Parâmetros urbanísticos nas zonas do Plano Diretor 2020, com destaque para a ZVE 01.

MACROZONA URBANA		
Abreviação ZONA	Pavimentos	Qtd. Básica
	Qtd. Máxima	
Zona de Consolidação de Ocupação (ZCO)		
ZCO 01	4	Não se aplica
ZCO 02	2	Não se aplica
ZCO 03	2	Não se aplica
ZCO 04	4	Não se aplica
Zona de Verticalização Moderada (ZVM)		
ZVM 01	10	Não se aplica
ZVM 02	10	Não se aplica
Zona de Verticalização Elevada (ZVE)		
ZVE 01	15	Não se aplica
ZVE 02	20	15
ZVE 03	20	Não se aplica
ZVE 04	15	12
ZVE 05	20	15

Fonte: Plano Diretor da Cidade de Olinda, 2020.

Esses mapas e indicadores revelam que o Plano Diretor de 2020, define parâmetros construtivos mais adequados, diferente da versão anterior, de 2016, que possibilitava a construção de prédios de até 30 pavimentos, muito próximos à borda do Centro Histórico. Em 2020, as principais zonas no entorno próximo são as Zonas de Verticalização Moderada, as Zonas de Consolidação de Ocupação e a Zona de Verticalização Elevada, agora com limite para 15 pavimentos. No entanto, no intervalo entre estes instrumentos, foram aprovados projetos que tomaram como referência os parâmetros de 2016, o que gerou a necessidade de mapeá-los para identificar possíveis impactos, como mostra a Figura 05.

Figura 05: Localização dos projetos de edifícios altos aprovados pelos Planos Diretores de 2016 (até 30 pavimentos) e de 2020 (até 15 pavimentos).



Fonte: Autores do artigo, 2022.

Ainda que sejam alarmantes os parâmetros que permitem a verticalização na ZV1, os projetos aprovados distanciam-se do polígono de tombamento rigoroso, o que parece estar sendo controlado pela instituição municipal com o novo Plano Diretor de 2020. Os edifícios que ultrapassam estes parâmetros, foram aprovados pela legislação anterior e, portanto, escaparam de uma maior restrição. Nesse sentido, o estudo nos mostrou que a atual legislação impôs maior controle sobre o impacto da verticalização de borda do sítio histórico, necessitando dar continuidade às ações de fiscalização em relação às leis de preservação, em especial, diante das pressões que o mercado imobiliário utiliza para garantir seu espaço. Assim, sob este aspecto, não foi necessário simular os impactos de cenários futuros entre os exercícios de paisagem, discutindo-se as informações coletadas apenas com os técnicos da Prefeitura de Olinda.

4.2 Implementação de novas tecnologias

Com a pauta de levar desenvolvimento e tecnologia àqueles que estão no Centro Histórico de Olinda, muitas vezes são aprovadas ações sem um estudo prévio de suas ressonâncias, poluindo a área de preservação. Com a necessidade de aliar conservação à tecnologia, atendendo inclusive às demandas da modernidade, foram estudados impactos de uma possível introdução de antenas de telefonia celular na paisagem do Sítio Histórico, sendo apresentadas aos entrevistados como possíveis cenários futuros, como mostra a Figura 06.

Figura 06: Simulação de Impacto da introdução de antenas de telefonia celular inseridas no sítio histórico. Vista do topo da Ladeira da Misericórdia: vegetação, arquitetura, céu, mar e horizonte.

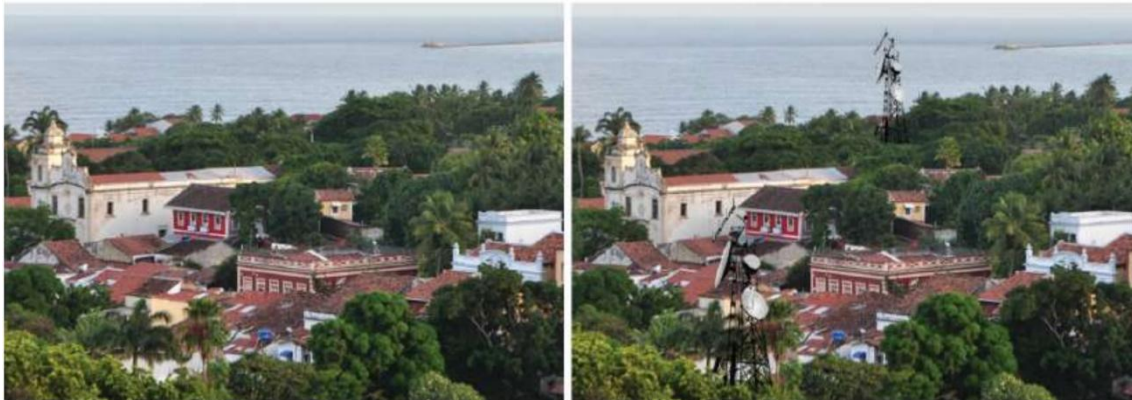


Foto e produção: Autores do artigo, 2020.

Essa simulação mostra, o quão forte é o efeito da ‘parte’ no ‘conjunto’, a partir de um ponto de vista (Collot, 2012), demonstrando que mesmo sendo permeável e esbelta, a antena cobre e interfere no horizonte, compete com as torres das igrejas, atraindo o olhar pelo seu porte, interferindo na percepção dessa colina histórica. E a opinião popular confirma o impacto nas respostas à pergunta: “Após observar as imagens acima, você acredita que esse tipo de intervenção conserva a identidade da paisagem da cidade?”, que obteve 72.9% de respostas discordando desses possíveis impactos, como escreve um dos entrevistados:

[...] esse recorte é um dos mais representativos da paisagem de Olinda, por isso toda nova intervenção deve respeitar o que já existe, para que não deixem de ser o que são. As infraestruturas são necessárias à vida contemporânea, mas não devem descaracterizar sítios históricos” (entrevistado 72).

Ainda que este problema não tenha se instalado no Sítio Histórico de Olinda, essa é uma ameaça possível e a demanda tecnológica por melhores serviços de comunicação celular, exigem que estudos antecipem soluções que não impactem no patrimônio.

O segundo exercício de possível impacto na paisagem foi feito a partir da simulação da inserção de placas de energia solar fotovoltaicas, sobre os telhados dos sobrados do Centro Histórico. A simulação está representada na Figura 07.

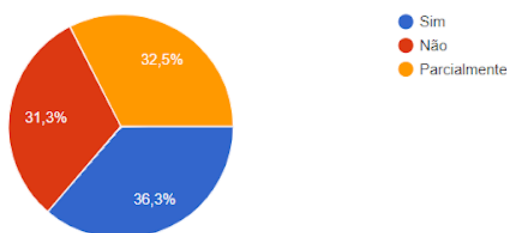
Figura 07: Simulação de Impacto na paisagem por painéis solares instalados sobre telhados do casario histórico de Olinda.



Foto e produção: Autores do artigo, 2021.

Neste tópico, não tratamos apenas da inserção de uma tecnologia, mas de uma energia renovável extremamente benéfica para a cidade e as pessoas. O uso de energias renováveis é cada vez mais valorizado e necessário, e deve ser estimulado inclusive em áreas históricas. Entretanto, o problema está na sua aplicação. Os painéis fotovoltaicos mais tradicionais, geralmente são em formato retangular, feitos em material translúcido e reluzente de fundo azul, aplicados no topo dos telhados. O impacto, no entanto, é evidente e chocante. Ao mostrar a simulação aos entrevistados, questionamos se acreditavam que essa ação poderia desqualificar a paisagem patrimônio de Olinda. E diferente das respostas obtidas na simulação das antenas de telefonia celular, na qual a grande maioria se mostrou totalmente contra a sua introdução no sítio histórico, a inserção dos painéis fotovoltaicos gerou bastante dúvida e incertezas.


Gráfico 01: Respostas à pergunta “Painéis solares causarão impacto à paisagem do SHO?”



Fonte: Autores do artigo, 2021.

As respostas expressam o equilíbrio entre concordar e discordar, próprio de quem tem dúvidas sobre os benefícios e malefícios de uma intervenção como essa. Há uma leve preferência ao entendimento de que poderá provocar impacto, mas sem tanta disparidade. Percebe-se então que, se por um lado causa impacto evidente sobre a paisagem do Centro Histórico, descaracterizando a plástica do conjunto do casario na paisagem, por outro, traz economia pela redução dos custos com o abastecimento de energia, além de se apoiar nas questões de sustentabilidade que essa alternativa energética proporciona. Por essa dualidade, a dúvida é explícita, porque grande parte das pessoas entendem a importância econômica e sustentável da aplicação dos painéis, mas também zelam pela conservação das visadas da cidade.

Assim, ao pedir para justificar os entrevistados mostram seus diferentes pontos de vista:



Os telhados tradicionais presentes nas construções do sítio histórico de Olinda são marcos importantíssimos que caracterizam a paisagem do local. A implementação desses painéis, sem nenhum cuidado paisagístico, pode ocasionar a descaracterização da edificação (entrevistado 08);

Acredito que só tem a agregar (entrevistado 38);

O que é mais marcante são as fachadas. A intervenção na coberta não desqualifica o contexto histórico (entrevistado 32).

Os exercícios de paisagem dessas simulações, confirmam a importância de um aprofundamento dessa discussão inclusive porque muitas das respostas comprovam o total desconhecimento da noção de patrimônio e da importância das visadas para a sua conservação. Para muitos, apenas conservar a fachada já seria ação suficiente. Outros, tentando conciliar conservação com a aplicação da energia limpa, apontaram alternativas como a instalação desses equipamentos nos fundos das casas ao invés de colocá-los nos telhados.

Nesse sentido, o exercício serve como alerta sobre o que precisa ser feito e como deve ser feito, e através desse incentivo, é possível se pensar em soluções criativas e adequadas para cada situação. Portanto, apontamos como necessária a abertura de uma discussão mais ampla com moradores, interessados e técnicos, para se encontrar as melhores alternativas que garantam a conservação do patrimônio e a melhoria de vida dos que vivem na cidade patrimônio. Essa discussão extrapola uma preocupação local e certamente é ponto de pauta de outras cidades patrimônio que precisam equacionar a relação entre conservação e inovação sustentável.

4.3 Supressão da vegetação

Quando falamos do descaso com a vegetação, imaginamos hectares desmatados ou destruição completa de um bioma. Por mais que essas ações sejam inaceitáveis e necessitam de trabalho e combate direto e contínuo, não são os únicos casos a nos preocupar. Ao analisarmos o SHO de cima, não se percebe nenhum grande maciço vegetado destruído, mas ao nos aproximarmos, em diversos pontos da cidade, o problema começa a aparecer. Em sua maioria, as supressões estão ocorrendo nos grandes quintais, atrás de muros e que muitas vezes só são percebidos por relatos de vizinhos que escutam o barulho da derrubada.

Nos exercícios de paisagem que apontam essas supressões, podemos observar um desses casos, em um dos recortes do Sítio Histórico, apresentado na Figura 08 e as respostas obtidas através da pergunta no formulário aplicado: “No recorte apresentado, a vegetação diminuiu. Em outras áreas do Sítio Histórico esse problema pode estar ocorrendo. Sabemos da importância da mescla entre vegetação e arquitetura para que seja mantido o Título de Patrimônio Mundial, além de todos os benefícios que a natureza nos traz. Você acha que se a retirada da vegetação continuar, Olinda poderá perder esse Título conquistado em 1982?”

Figura 08: Mapeamento da supressão da vegetação do SHO. As imagens aéreas de trechos do SHO, em 2003 e 2020, indicam a retirada da vegetação para áreas de estacionamento (1) e (2) e de antigos quintais (3).



Fonte: Google Earth, 2003, 2020 com manipulações dos autores do artigo.

Em outras áreas, como ao lado do Convento de São Francisco, o problema também foi detectado. Imagens aéreas de 2003 a 2022 nos mostraram que foi desmatada aproximadamente uma área de 7.172m² de um total do lote de 26.126m², calculados a partir do Google Earth. E 87,5% dos entrevistados apontam a existência desse problema.

O descaso com a vegetação se expressa, inclusive, nas ações da própria gestão municipal. Um quarto exercício de paisagem foi feito a partir de uma intervenção da Prefeitura de Olinda, na Praça Monsenhor Fabrício, conhecida como Praça da Prefeitura. O espaço, que é um dos principais focos turísticos e carnavalescos da cidade, entrada para o Sítio Histórico, sofreu uma intervenção de “segurança e higienização”, aprovada e executada pelos órgãos responsáveis: a remoção de antigos *Ficus Benjaminia* e sua substituição por quatro Palmeiras-imperiais (*Roystonea oleracea*), mostrada na Figura 09. Estas imagens foram usadas para obter respostas à pergunta “Após observar as imagens acima, você acredita que esse tipo de intervenção conserva a identidade da paisagem da cidade?”


Figura 09: Praça Monsenhor Fabrício com os *Ficus benjamina* e simulação de paisagem futura, após a substituição das árvores por Palmeiras-imperiais (*Roystonea oleracea*), adultas.



Fonte: Foto retirada do Google Streetview e manipulada pelos autores do artigo, 2021.

Aqui, 65,6% dos entrevistados, responderam que esse tipo de intervenção não conserva a identidade da paisagem da cidade, comprovando assim, que “cada objeto é percebido e interpretado em função de seu contexto, de seu horizonte” (Collot, 2012, p.19), e que a problemática não é o objeto em si, como as palmeiras-imperiais, mas sim o local onde foram inseridas, substituindo a vegetação já estabelecida e que dava identidade a esse lugar. O estranhamento foi apontado por muitos dos entrevistados, tendo um deles destacado:

A vegetação de Olinda antiga é densa, generosa, se caracteriza, na minha opinião, por dialogar com o casario de modo singular, onde ator e palco se fundem. As palmeiras desnudam o casarão, retiram a sombra que acolhe e a intimidade do espaço vegetado (entrevistado 81).



Portanto, há sim, em andamento, atividades que estão suprimindo a vegetação, e descaracterizando a cidade. Se essa ação não for contida, no futuro, a cidade poderá perder o título de Patrimônio Mundial, devido a descaracterização de sua paisagem, cuja inserção na lista da Unesco, está condicionada à presença da arquitetura e da vegetação que lhe dão identidade e que em Olinda, caracteriza as suas visadas.

5 CONSERVAR O FUTURO

São diversas as camadas de um bem a ser protegido. As camadas de Olinda superpõem inúmeras referências à natureza e à cultura, seja pela localização estratégica de um sítio que se construiu em colinas voltadas para o mar, seja pela riqueza da arquitetura de mais de quatro séculos que permanece pontuando uma paisagem singular que lhe identifica como Olinda-postal. Essa cidade de múltiplos tempos, também é construída e percebida por múltiplos olhares, que a enxergam das mais diferentes formas, mostrando que a sua conservação é tarefa coletiva que deve considerar a população no seu processo de gestão. Os *exercícios de paisagem* nos ajudaram a traçar uma rota para entender melhor a cidade percebida, tendo a imagem como linguagem para desencadear a reflexão. Nesse processo, o conjunto dos problemas apontados sinalizam a dificuldade dos gestores públicos na gestão do patrimônio e a ameaça sobre a conservação do título de Patrimônio Mundial que depende, essencialmente, da conservação dos atributos que permitiram a sua entrada na Lista da Unesco. Os *exercícios de paisagem* são, assim, instrumentos de ausculta da população como recomenda a Convenção Europeia da Paisagem e a Carta da Paisagem das Américas e espera-se que possam auxiliar os gestores públicos nas decisões de conservação do Centro Histórico da Cidade de Olinda, diminuindo-se as suas vulnerabilidades e reforçando as suas potencialidades, como exigem as periódicas avaliações impostas pela Unesco para assegurar a permanência do título de Patrimônio Mundial.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao CNPQ e à Pró-reitoria em Pesquisa e Inovação – PROPESQUI pela concessão de Bolsas de Iniciação Científica, atreladas à pesquisa guarda-chuva “América, uma civilização paisageira: identificação de paisagens-postais para sua conservação”, à qual este trabalho de vincula, do Grupo de Pesquisa Pensar Paisagem do CNPq, do Laboratório da Paisagem da Universidade Federal de Pernambuco.

REFERÊNCIAS

BERQUE, A. Território e pessoa: a identidade humana. **Desigualdade & Diversidade**: Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio, 2010, nº 6, p. 11-23, jan-jul. 2010.

_____. Paisagem, meio e história. In: BERQUE, A. (Org.). **Cinco propostas para uma teoria da paisagem**. École d’Architecture de Paris-La Villette, Editions Champ Vallon, 1994. Tradução de Vladimir Bartalini, (2012) para disciplinas da pós-graduação da Fauusp.

BESSE, J-M. **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

CARTA DA PAISAGEM DAS AMÉRICAS. Federação Internacional de Arquitetos Paisagistas Região Américas (IFLA-AR), Universidad Autónoma Metropolitana unidad Azcapotzalco (UAM-A). Cidade do México, 28 set. 2018. Disponível em: Acesso em: 30 jan. 2021. <http://paisagem.net.br/2019/07/10/carta-da-paisagem-das-americas-agora-em-portugues/>



CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS DA CONSERVAÇÃO INTEGRADA (CECI). **Conservar**: Olinda boas práticas no casario. BARRETO, J. MILET, V. (Org.). Olinda: CECI, 2010.

COLLOT, Michel. Pontos de vista sobre a percepção de paisagens. In: NEGREIROS, Carmem; LEMOS, Masé; ALVES, Ida (Org.). **Literatura e paisagem em diálogo**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012. p. 11-29.

CONVENÇÃO EUROPEIA DA PAISAGEM. Decreto n. 4/2005. Florença, 20 out. 2000.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). **Cartas Patrimoniais**. 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

LOPES FILHO, HÉLVIO Polito. A proteção do patrimônio cultural de Olinda. In: **Revista da Procuradoria Geral de Olinda**. Centro de Estudos Jurídicos, Ano I, N. 2, p. 81-97.

LOUREIRO, J. C. **Pelas entranhas de Olinda**: um estudo sobre a formação dos quintais. Dissertação. (Mestrado em Dinâmica do Espaço Habitado), UFAL, Maceió, 2007.

M'BOW, Amadou Mahtar. Olinda é patrimônio do mundo. **Informativo Olinda, Olinda**, Edição Especial, p. 1, abr. 1983.

NASCIMENTO, Eliana Maria Vasconcelos do. **Memória de Olinda**: história, psicanálise, paixão e arte. Salvador: EDUFBA, 2009.

RIBEIRO, R. W. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

SANTANA, M. A.; SILVA, J. M. A paisagem cultural a partir do elemento vegetal: o caso do Sítio Histórico de Olinda, Pernambuco, Brasil. **Boletim de Geografia**, Maringá, v. 32, n.1, p. 148-165, set. 2014.

PREFEITURA DE OLINDA, Plano Diretor da Cidade, Olinda, 2008/ Revisão de 2016.

PREFEITURA DE OLINDA. Plano Diretor da Cidade, Olinda, 2020.

UNESCO. Convention Concerning the Protection of the World Cultural and Natural Heritage. 1972. Disponível em: <<https://whc.unesco.org/en/conventiontext/>>

UNESCO. Operational guidelines for the implementation do the word convention. 1992. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/archive/opguide11-en.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2021.

UNESCO. Dresden é excluída da Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO. 2009. Disponível em: <<https://whc.unesco.org/en/news/522>>

UNESCO. Lista do Patrimônio Mundial. 2022.

VERAS, L. M. S. C. **Paisagem-postal**: a imagem e a palavra na compreensão de um Recife urbano. Tese. (Doutorado em Desenvolvimento Urbano), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.